

José de Mesquita
Da Academia Mattogrossense de Letras

A
Academia Mattogrossense
de Letras

(Notícia Histórica)

CUYABÁ
Escolas Profissionais Salesianas
MCMXLI

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita
(*10/03/1892 †22/06/1961)
Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita
<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

Para se formar uma idéia nítida e segura do papel que vem exercendo, na evolução literária de Mato-Grosso, a “Academia Matogrossense de Letras”, mister se faz estudar-lhe os antecedentes históricos, através das várias associações que a precederam e que formam, por assim dizer, os elos que se concatenam uns aos outros, na corrente do desenvolvimento cultural do grande Estado. A Academia é a culminância de uma série conjugada de esforços e trabalhos de mais de uma geração e não ha como a isolar desse movimento de idéias, que vem se processando de longa data, podendo-se afirmar que a floração radiosa do presente embebe o seu encanto e haure o seu aroma no húmus fecundo e escuro de um Passado remoto, onde se lhe aprofundam as raízes. Um ensaio acerca desse espírito associativo em Mato Grosso ou, melhor, em Cuiabá, a vetusta Capital que até bem pouco absorvia toda a vida intelectual matogrossense, permitiria remontar às origens remotas da Academia, que teve suas, ancestrais em outras agremiações, como a ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA, que se incorporou mais tarde ao CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS, o qual, por sua vês, se transformou na atual ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS.

A ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA

Fruto da energia conjugada de meia dúzia de homens de boa vontade, a ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA apareceu num período que se pode dizer privilegiado da História Mato-grossense, a década de 1880 a 1890, assinalada por um notável incremento intelectual, que acompanha, de perto a agitação político-social precursora da Abolição e da República. Foi uma verdadeira renascença para a cultura da grande Província central o decênio oitentista do século XIX (1). Virgílio Corrêa Filho, o emérito ensaísta das “Monografias Cuiabanas” denomina

«década fecunda» a que se seguiu à guerra, podendo-se dizer que, realmente foi o período da sementeira, que veio abrolhar, opulenta, nos últimos dez anos do regime imperial (2).

Não ficou ainda suficientemente esclarecida a gênese da ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA CUIABANA. O douto efemeridista das “Datas Matogrossenses”, Estevão de Mendonça, dá-lhe 21 de Outubro de 1884 como o dia da definitiva organização. Parece que realmente a eleição da sua primeira Diretoria se fez nessa data, conquanto a sua instalação somente se efetuasse a 30 de Novembro seguinte. Os “Estatutos da Associação Literária Cuiabana”, impressos na casa Laemmert, do Rio, em 1885, trazem a indicação final — Cuiabá, 11 de Outubro — sem precisar o ano, que deve ser 1884. Assinaram a Constituição do Grémio Literário, Emiliano de Oliveira Pinto, Antonio Pedroso Pompéu de Barros e Francisco Corrêa da Costa Sobrinho, dos quais o último apenas figura na nômima dos fundadores mencionados nas Datas (3).

Os livros da sociedade esclarecem, por outro lado, as dúvidas que poderiam surgir quanto à sua fundação, que “A Tribuna” de 6 de Dezembro de 1888 faz recuar a 1882, quando afirma haver a Associação Literária Cuiabana festejado, a 30 de Novembro daquele ano, o seu sexto aniversário. Todos os assentamentos sociais datam de Novembro de 1884, sendo de 10 desse mez os primeiros registros de despesa e receita e de 30 os primeiros lançamentos de saídas de livros da biblioteca. A mesa eleita para o período inicial compunha-se de Antônio de Paula Corrêa (presidente), Joaquim José Ferreira da Silva (vice-presidente), Francisco Corrêa da Costa Sobrinho (secretário), e Antônio Modesto de Mello (tesoureiro). Essa Diretoria foi reeleita em 27 de Dezembro de 1885, para o ano a seguir, substituídos apenas o vice-presidente por Francisco Corrêa, e este, na função de 1º secretário, por Flavio de Mattos (4).

A Associação, Literária Cuiabana teve o seu período áureo de 1885 a 1894. E o que se depreende da leitura dos jornais coevos, do exame do seu arquivo, zelosamente conservado na Academia Matogrossense — sua sucessora e continuadora — e, ainda, do depoimento de antigos membros da extinta sociedade.

O livro de matrículas acusa, em 1892, 184 sócios, em 1894, 132, em 1895, 112, decrescendo sensivelmente a partir dessa data. Por outro lado, os livros de inventários das obras da Biblioteca registram o mesmo diagrama ascensional até 1894, sendo em 1888, de 1010 o número de obras, para 1659 volumes, e, quatro anos após, de 1348 obras e 2485 volumes. Perdeu-se, infelizmente, o livro de atas, da Associação Literária Cuiabana, correspondente à fase

anterior a 1893, que seria o melhor subsídio ao estudo daquele grêmio, no seu período mais próspero e de maior atividade. Existe no arquivo somente um livro de atas relativo aos anos de 1893 a 1902, sendo a primeira sessão nele referida datada de 11 de Janeiro daquele ano e a derradeira de 21 de Dezembro deste último. Constatam ainda do arquivo vários livros de visitas, que não são, como se poderia supor, de impressões dos frequentadores da sede, mas apenas o registro nominal dos que iam ler ou procurar livros na Biblioteca, uma espécie assim de livro ponto, com a mesma disposição cronológica desses registros burocráticos.

Os demais são conta-correntes, balanços, escrita pertencente à vida financeira da Associação, trabalho minudente e fiel, que espelha ao vivo a dedicação e competência do tesoureiro Faria Albernaz, cujas qualidades de retidão e zelo lhe valeram acumular, na sua época, tantas funções dessa natureza, que acabou sendo uma espécie de tesoureiro-nato e perpétuo de todas as sociedades do seu tempo. A renda se compunha da contribuição dos sócios, discriminada em jóia, à razão de 2\$000 e mensalidade, na importância de 500 réis, de acordo com o art. 21 dos Estatutos. Conquanto pareçam hoje insignificantes semelhantes quotas, o certo é que a receita mensal, proveniente apenas de tais rubricas, chegou a produzir 207\$000 de 15 de fevereiro a 15 de Março de 1885.

Instalada no sobrado da rua de Cima, esquina da travessa Voluntários da Pátria, a Associação Literária Cuiabana manteve-se ali até que foi transferida em 1885, para o próprio nacional do Largo da Sé, canto da rua 13 de Junho, onde funcionou até 1898, mudando-se esse ano para a rua Antonio João, fundos da casa Martiniano. Nesse prédio da rua Esperança foi que conheci, já em pleno declínio, a histórica sociedade, que se pode considerar a primeira tentativa de coordenação cultural em Mato-Grosso.

Devo-lhe, posso dizer com segurança, a minha iniciação literária, feita precocemente aos 12 anos. Lembra-me como se fosse ontem. Iamos à noite, pelas 7 horas, trocar os livros já lidos por outros. Na meia sombra daquele canto de rua, com um acentuado aspecto colonial, em que um lampeão de querozene punha a sua claridade baça, destacava-se, imenso para a minha imaginação juvenil, o salão da Biblioteca. Aquelas sortidas noturnas, no recolhido ambiente da Cuiabá de antanho, tinham para mim o mistério velado de uma aventura. As vezes, encontrávamos ainda fechado o salão e era preciso esperar a chegada do porteiro o velho João Agostinho Martins, por automasia o Candimba. O que não li, ou melhor devorei, com esse apetite insaciável da adolescência durante os dois anos

ou três em que fomos assinantes da Associação Literária! Todo Macedo, Alencar, Dumas, Montepin, Ponson, Escrich, para falar somente nos de maior vulto, passaram-me pelas vistas e pela imaginação enfebreçada... e através das páginas do “Moço louro” ou das “Minas de Prata”, dos “Moicanos de Paris” ou do “Cura da Aldeia”, eu ia, menino e moço, desvendando os arcanos da vida e criando na minha mente os ideais românticos que lhe formam o substrato e nunca mais me abandonariam no resto da existência.

Já então, entre 1904 e 1908, a Associação Literária Cuiabana se arrastava em lenta decadência, à qual se seguiria um prolongado colapso, precursor do desaparecimento. Depois de ter prestado os maiores serviços à disseminação da cultura em Mato-Grosso, através da sua biblioteca, realmente notável para a época, e da articulação de elementos de valor da intelectualidade cuiabana, deveria a benemérita agremiação, numa longa agonia de cerca de vinte anos, vir a perpetuar-se na transferência que fez do seu patrimônio ao “Centro Matogrossense de Letras”, fundado em 1921.

Conquanto o seu objetivo se resumisse na criação de uma biblioteca «que lhe proporcione a diversão útil e agradável da leitura» (5), a Associação Literária Cuiabana irradiou os seus benéficos fluxos no seio da sociedade cuiabana, que lhe deve — a par da “Sociedade Dramática Amor à Arte”, sua contemporânea — uma fase de vida intelectual apreciável e digna de registro.

Em seus derradeiros tempos, a Associação Literária Cuiabana se transferiu sucessivamente, da rua Antonio João para as ruas 13 de Junho (residência de Manoel de Faria Albernaz), Joaquim Murinho (hoje João Pessoa) no prédio da Inspetoria da Higiene, e, finalmente, Ricardo Franco (em casa de Odorico Tocantins).

No louvável intuito de impedir o completo esfacelamento do acervo subsistente da velha Associação, cogitou o “Centro Matogrossense de Letras” em conseguir a incorporação ao seu cadastro do remanescente da Associação Literária Cuiabana. Para esse fim delegou poderes, em 1923, ao sócio Dr. João Barbosa de Faria, que, havendo encontrado certa relutância por parte de alguns dos responsáveis pelo espólio da Associação Literária Cuiabana, desistiu do intento, trazendo ao conhecimento do “Centro” o malogro das negociações.

Pouco depois, em sessão de 6 de Abril de 1924, nomeou o presidente do Centro Matogrossense de Letras, uma comissão composta dos sócios Profs. Alcindo de Camargo, Filogonio Corrêa

e Antonio Fernandes de Souza, para promover os necessários passos junto da Diretoria da Associação Literária Cuiabana conducentes ao desiderato visado. Desempenhou-se essa comissão com muita felicidade do seu encargo, contando para esse resultado a boa vontade do Presidente da Associação Literária, Major Manoel Ferreira da Costa. E no relatório de 7 de Setembro desse ano, a presidência do “Centro Matogrossense” podia referir com satisfação o fato auspicioso da incorporação das 425 obras, em 712 volumes, além do sólido e valioso mobiliário da Associação Literária Cuiabana, ao patrimônio do Centro. A dádiva preciosa, si, por uma parte, vinha opulentar a incipiente biblioteca do “Centro”, por outra salvava de completa ruína e dismantelo total o resto do acervo da Associação Literária que assim não desapareceria senão em nome, prosseguindo vinculada à vida mental cuiabana — bem se lhe podendo aplicar à justa o expressivo dístico horaciano — das Odes — *Nom omnis moriar*. De todo não morrerei!

O CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS

O “Centro Matogrossense de Letras” assinala a fase característica da Renascença literária em Mato Grosso. Estabelecida, como ficou, em ligeiro ensaio histórico acerca da evolução da cultura das letras no grande Estado, a década de 1910 a 1920 como o marco limitador da era contemporânea, o “Centro” vem justamente — tal a influência decisiva que exerceu nessa evolução — dividir a cronologia literária matogrossense em dois períodos bem distintos, que se podem definir: antes do “Centro” e depois do “Centro” (6).

Preparou-lhe propício terreno ao abrolhamento a “Revista Mato.Grosso” editada pelo Liceu Salesiano S. Gonçalo, magnífica colméia literária que congrega elementos intelectuais das mais variadas gerações, em torno dos nomes prestigiosos do Padre Helvécio Gomes de Oliveira (hoje arcebispo de Mariana) e, depois, do Padre Francisco de Aquino Corrêa (atual Arcebispo de Cuiabá).

Nas páginas desse mensário começaram a aparecer, a par de nomes consagrados como Costa Ribeiro, Ferreira Mendes, Firmo Rodrigues e outros, as revelações de uma nova plêiade de jovens escritores, poetas ou prosadores, destinados a formar o núcleo constitutivo da futura gremiação de letras na capital matogrossense. Ensejou, por outro lado, esse alvorecer do gosto artístico e literário, o período de prolongada calma política e relativo bem estar,

que gozou o Estado, depois das terríveis e muitas vezes sangrentas lutas partidárias de 1892 a 1906.

Um nova geração subia ao tablado da vida pública e essa «nova geração trazia uma profunda crença no futuro de Mato Grosso, um culto extremado das suas grandezas e, quer na lira dos seus poetas, quer nas páginas dos seus prosistas, se afirma uníssona essa visão esperançosa de um porvir alvissareiro para a sua terra» (7).

Fatores de ordem econômica e social, como a alta da borracha, a inauguração da Noroeste, em 1914, as comemorações bicentenárias da capital em 1918, trazendo, como conseqüência, um surto de vida e animação para a lendária cidade nortina, foram outros tantos componentes, que não podem ficar esquecidos, criando esse estado de receptividade, a que faltava apenas o *fiat* momentâneo para a criação. Logo ao início do decênio seguinte, em 1921, sob os auspícios do Bispo-Presidente, surgia, a 22 de Maio, o “Centro Matogrossense de Letras”, precedido de pouco pelo “Instituto Histórico de Mato-Grosso” (1919) e pelo “Grêmio Julia Lopes”, de formação feminina (1916), todos os três destinados a prestar à cultura mental de Mato-Grosso os mais assinalados serviços (8).

A carta de convite para a reunião inicial, verdadeiro documento histórico, trazia a assinatura de José de Mesquita, João Barbosa de Faria e Lamartine Mendes, realizando-se na casa do primeiro, à rua 13 de junho, n° 173, os primeiros encontros entre os organizadores do plano e dos estatutos sociais.

Lançadas as bases do sodalício, cujo nome ficou logo assentado por maioria — apenas uma pequena minoria optara pela criação de uma Academia — agregaram-se como fundadores outros nove sócios, que foram D. Aquino Corrêa, Estevão de Mendonça, João Cunha (já falecido), Virgílio Corrêa Filho, Miguel Carmo de Oliveira Mello, Filogonio de Paula Corrêa, Cesário Prado, Carlos Gomes Borralho e Franklin Cassiano (já falecido}.

Esses doze, por sua vez, escolheram outros tantos que deveriam integrar o número de 24 cadeiras constitutivas do “Centro”: — Ana Luiza da Silva Prado, Antonio Fernandes de Souza, Augusto Cavalcanti de Mello, Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, José Magno da Silva Pereira, (falecido), José Raul Vilá, Leovigildo Martins de Mello (falecido), Manuel Pais de Oliveira, Manuel Xavier Pais Barreto, Otávio Cunha, Palmiro Pimenta e Ulisses Cuiabano.

A sessão de instalação solene do “Centro” se efetuou, em memorável tertúlia, no dia 7 de Setembro de 1921, no salão nobre

do Palácio da Instrução, presidida pelo próprio Chefe do Estado, e seu Presidente de honra, D. Aquino Corrêa, que produziu uma oração magistral, traçando os rumos e o programa da novel sociedade. Logo no ano seguinte lançou o “Centro” a sua “Revista”, de que foram publicados com rara pontualidade, 22 números — de 1922 a 1932 — e deu início à série de conferências e estudos, que, proferidas em animadas e concorridas sessões lítero-musicais, muito têm contribuído para a elevação da cultura e do bom gosto no seio da gente cuiabana.

Cada um dos membros do “Centro” se obrigara a fazer, pelos Estatutos, o elogio do seu patrono, estudar-lhe a vida, a obra, a época da atuação. Foram assim proferidas, no lapso de 11 anos, de 1921 a 1932, as 18 seguintes conferências de estudos patronícos: JOAQUIM MURTINHO, por Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa, (26 de Novembro de 1921); ANTONIO CORREA DA COSTA, por Virgílio Corrêa filho (12 de Janeiro de 1922); ANTÔNIO VIEIRA DE ALMEIDA, por Cesário Prado (2 de Maio de 1922); JOSÉ ESTEVAO CORRÊA, por Filogonio de Paula Corrêa (14 de Agosto de 1922); LUIZ D'ALINCOURT, por Antonio Fernandes de Souza (17 de Fevereiro de 1923); P. ERNESTO CAMILLO BARRETO, por Ovídio de Paula Corrêa (21 de Abril de 1923); JOSE DA SILVA GUIMARAES, por Alcindo de Camargo (7 de Setembro de 1923); MANUEL ESPERIDIAO, por Otávio Cunha (12 de Outubro de 1923); VEIGA CABRAL, por Palmiro Pimenta (29 de Maio de 1924); FREDERICO PRADO, por João Cunha (7 de fevereiro de 1925); JOSÉ TOMAZ, por Cesário Neto (6 de Junho de 1925); P. JOSÉ MANUEL DE SIQUEIRA, por D. Aquino Corrêa (12 de Dezembro de 1925); PIMENTA BUENO, por Alírio de Figueiredo (17 de Setembro de 1927); COUTO DE MAGALHAES, por José de Mesquita (31 de Outubro de 1928); JOAQUIM MENDES MALHEIROS, por Francisco Mendes (13 de Dezembro de 1930) e JOSE BARBOSA DE SA, por Leônidas de Matas (20 de Fevereiro de 1932).

Os patronos das cadeiras n° 5, 10, 15 e 16, respectivamente P. Ernesto Camilo Barreto, Joaquim Murtinho, P. José da Silva Guimarães e José Tomaz, tiveram, em virtude, do afastamento dos primeiros ocupantes, novo estudo feito pelos sócios Nilo Póvoas, Oscarino Ramos, D. Maria de Arruda Müller e Olegário de Barros.

Não se limitou o “Centro” a essa série de estudos sobre os paraninfos das suas cadeiras: várias, outras conferências foram dadas, tendo como tema BILAC, por José Raul Vilá (28 de Dezembro de 1921); MACHADO DE ASSIS, por Cesário Prado (29 de Setembro

de 1924) e NUNO DE ANDRADE, por Isac Póvoas (28 de Dezembro de 1927).

A par da “Revista” e das conferências, desenvolvia ainda o “Centro” a sua atividade mantendo animadas “horas literárias”, para leitura de trabalhos dos seus associados, a partir de 25 de Outubro de 1925. A sua Biblioteca, iniciada logo após à fundação, em 1921, prestou, por outro lado, apreciáveis serviços à cultura cuiabana, franqueada à leitura pública, conforme ficou estabelecido desde a sua instalação.

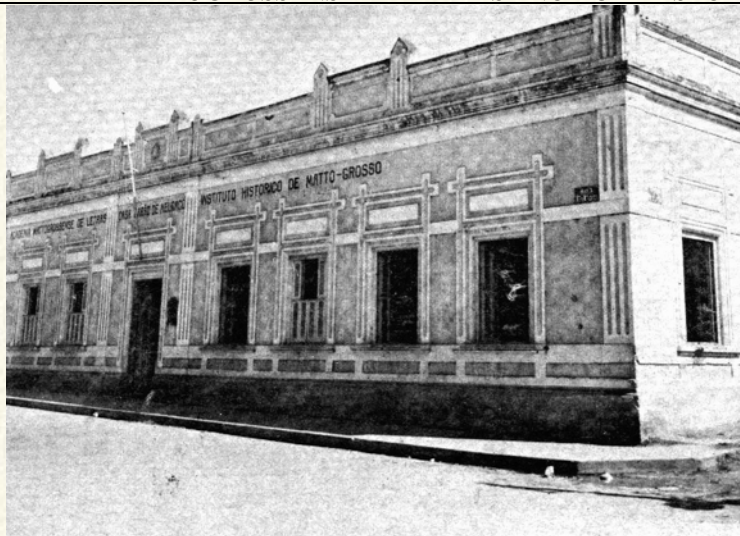
Facilitando o intercâmbio mental com as outras unidades da Federação, mantinha o “Centro” ativa permuta de publicações! com sociedades congêneres, do mesmo passo que organizava escolhido corpo de correspondentes em todos os Estados brasileiros. Empenhado nas obras de civismo, bem como nas de filantropia, promoveu, com o concurso de outras agremiações, como o Instituto Histórico e os Grêmios “Julia' Lopes” e “Castro Alves”, mais de um festival, comemorativo de efemérides pátrias ou visando favorecer instituições de caridade e assistência social.

A obra do “Centro Matogrossense de Letras”, em pouco mais de uma década, avulta aos olhos superficiais ou observadores e prossegue, sem o menor hiato, mantida atualmente por sua continuadora, que é a “Academia Matogrossense de Letras” — e que hoje arregimenta em seu seio os elementos mais representativos da intelectualidade do grande Estado.

A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Foi a 15 de Agosto de 1932 que, mediante proposta subscrita por 19 dos membros do “Centro Matogrossense de Letras” se resolveu, na forma do art. 22 dos respectivos Estatutos, transformar-se o mesmo “Centro” em “Academia Matogrossense de Letras”. Justifica-se a proposição com a vitalidade ostentada pela agremiação literária, em onze anos de trabalhos e bem assim pela idéia da possível federação das Academias estaduais, tendo por mira «um mais estreito concurso e uma cooperação mais eficiente no sentido do desenvolvimento intelectual do país.» Aprovada unanimemente a indicação, foi instalada, em memorável sessão, levada a efeito a 7 de Setembro do mesmo ano, a “Academia Matogrossense de Letras”. Manteve-se-lhe, o mesmo número de cadeiras e quasi que a feição estrutural da sociedade que a precedera. Os novos Estatutos, promulgados a 22 de Abril de 1933, declaram no seu art. 1º, que a Academia «à cuja categoria se elevou o “Centro” homônimo, ao qual

ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS - NOTÍCIA HISTÓRICA



Casa BARÃO DE MELGAÇO
Séde da Academia Matogrossense de Letras

Ela substitue, sucede e continua, conserva a mesma séde e a mesma finalidade, que é promover e intensificar a cultura da língua e literatura nacionais».

Em substituição à “Revista do Centro Matogrossense de Letras”, surgiu em 1933, a “Revista da Academia Matogrossense de Letras”, da qual já foram editados os volumes I a XVI, correspondentes aos anos de 1933 a 1940.

A séde social, doada pelo Estado, é a “Casa Barão de Melgaço”, nobre e belo edifício, cuja história se liga à vida do grande Leverger, o bretão cuiabanizado, na expressão feliz de Virgílio Corrêa Filho.

Mantem ali a Academia a sua biblioteca, já constituída por cerca de 2.000 volumes, além de farta messe de publicações periódicas. No seu “salão nobre”, um dos mais amplos e belos da Capital matogrossense, construído recentemente, nas administrações Felon Müller e Mário Corrêa, se acha iniciada a galeria dos patronos, já constituída por dezeseis dos vultos notáveis ligados à História e à cultura conterrânea.

JOSÉ DE MESQUITA DA UTILIDADE DA ACADEMIA

Excusa insistir nos benefícios que à cultura matogrossense tem trazido a Academia de Letras. Eles se patenteiam ao mais rápido exame. A divulgação de trabalhos dos escritores do quasi desconhecido Estado central seria, por si só, serviço benemérito. Outros, porém, tão relevantes como esse, se enfileiram, no cadastro do grêmio beletrístico. O desenvolvimento da cultura e do gosto artístico, despertando, com os seus festivais, vocações musicais e



O PRESIDENTE DA ACADEMIA DESEMBARGADOR
JOSÉ DE MESQUITA EM SEU GABINETE DE TRABALHO

ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS - NOTÍCIA HISTÓRICA

declamatórias; o amparo à expansão das artes, tendo patrocinado o primeiro *Salão de Pintura* organizado, em 1935, em Cuiabá, pelo Prof. Jorge Bodstein; o intercâmbio acentuadamente crescente entre os vários municípios do Estado e entre os diversos Estados; o surto animador que a Academia vem em prestando à bibliografia matogrossense hoje relativamente avultada; a irradiação da sua Revista e o papel desempenhado, na divulgação das boas letras, por sua biblioteca — são outros tantos inestimáveis concursos que a Academia Matogrossense de Letras traz à grande tarefa educacional e cultural, hoje tão preconizada no Brasil. No tocante à contribuição bibliográfica dos acadêmicos matogrossenses, citam-se, *currente calamo*, as seguintes obras, muitas das quais editadas mesmo na capital do Estado:

- D. Aquino Corrêa* - Odes (compreendendo Psalmódias, Melodias, Rapsódias); Terra Natal (poesias); Flor d'aleluia (poemeto); Discursos; Castro Alves e os Moços (estudo crítico); Uma flor do clero cuiabano (biografia) alem. de grande número de conferências, orações, pastorais, etc.
- José de Mesquita* - Poesias (do Amor, da Natureza, do Sonho e da Arte); Terra do berço e Da Epopéia Matogrossense (versos); A Cavalhada e Espelho de Almas (contos); Elogios do Dr. Antonio Corrêa e do General Caetano de Albuquerque; O Taumaturgo do sertão e João Poupino Caldas (ensaios biográficos); O Catolicismo e a Mulher, Um Paladino do Nacionalismo, Semeadoras do futuro (conferências); Piedade, (romance) etc.
- Lamartine Mendes* — Serras e pantanais e Águas passadas (poesias).
- Alírio de Figueiredo* - Poesias e Poemas é Poeira.
- Antonio Tolentino de Almeida* — Ilusões douradas, A Índia Rosa, A Retirada da Laguna, A Retomada de Corumbá, etc.
- José Raul Vilá* — Rondônia (poemeto).
- Arnaldo Serra* — Aromita (versos) e Almas penadas (contos).
- Virgílio Corrêa Filho* — Mato Grosso, Notas à margem, As raias de Mato Grosso, Monografias Cuiabanas, Política de Mato Grosso, Questões de terras, etc.
- Estevão de Mendonça* — Datas Matogrossenses.
- Filogonio Corrêa* — Limites com Mato Grosso e Goiaz.
- Antonio Fernandes de Souza* — A Invasão Paraguaia em Mato Grosso.
- Augusto Cavalcanti de Mello* — Tabernáculo (versos) e às traduções de Hieronymus, Çunacepa, As Erinias e o Avarento.

JOSÉ DE MESQUITA

- Cesário Prado* — Nótulas sobre alguns serviços fiscalizados pelas delegações do Tribunal de Contas.
- Franklin Cassiano* — Subsídios para o estudo da dialetologia em Mato—Grosso.
- Nilo Póvoas* — A Política de Mato-Grosso e a Intervenção Federal, Esboço de História da Literatura Brasileira.
- Ovídio Corrêa* — Discurso de Recepção.
- Cesário Neto* — Discurso de Posse, Na pista de Rocinante, Teses (concursos de Português).
- Sóter Araujo* — Ex-tudo (versos).
- Generoso Ponce Filho* — D. Aquino Corrêa (discurso); Por Mato Grosso na Federação.
- Severino de Queiroz* — Formulário ortográfico e No caminho do saber.
- Peri Alves de Campos* — Flor do mato. Discromatopsias (tese).
- Carlos Vandoni de Barros* — Nhecolândia. .
- General Rondon* — Estudos e Conferências que figuram na valiosa e grande bibliografia da Comissão Rondon e que constituem precioso repositório de informações sobre cousas matogrossenses. Ainda recentemente, vieram a lume no Rio várias obras matogrossenses, como o Pelo Brasil Central, de Frederico Rondon e Arêtorare, versos de Lobivar Matos (9).
- O surto promissor da bibliografia matogrossense se deve, inquestionavelmente, ao bafejo da Academia (antes “Centro”) a par das outras sociedades congêneres existentes no Estado, notadamente o Instituto Histórico e o Grêmio “Julia Lopes” — que ambos mantêm seu órgão na imprensa: a Revista do Instituto e a Violeta. Fóra da Capital, são dignos, de nota, como propulsores da vida intelectual, o Gabinete Corumbaense de Leitura e a Sociedade da Biblioteca de Campo Grande.

A FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS

Velha aspiração dos que mourejam nas letras, a federação das Academias de Letras, concretizada em feliz realidade no 1º Congresso das Academias de Letras, do Brasil, teve os seus precursores na pessoa de Mario Mello, em 1928, nas colunas do “Diário de Pernambuco” e do autor deste ensaio que, na folha “A Cruz”, a 24 de Junho d’aquele ano, secundou tal iniciativa. Não vai vanglória, senão que o simples desejo de registrar um fato, nessa assertiva.

ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS - NOTÍCIA HISTÓRICA

Do mesmo passo que, em Mato-Grosso, nos coube a fortuna de lançar pelo jornal “O Povo” na sua tiragem de 29 de Outubro de 1916, em artigo sob o título “Uma idéia”, o germe de que abrolhou um lustro mais tarde, o “Centro Matogrossense de Letras”, também aprovou à Providência, que ao companheiro de Mario Mello na campanha de 1928, tocasse apresentar e justificar, oito anos após, o projeto de fundação da Federação das Academias.

Empresas são essas que, no plano da cultura regional ou na esfera, mais ampla, da inteligência nacional, redundam em títulos de nobre ufanía. que se podem exhibir como pergaminhos, para incentivo dos que nos trazem, com o sangue, a responsabilidade da herança mental.

Vitoriosa a idéia, incumbiu-se-nos ainda, com Benjamim Lima, Álvaro Bomilcar, Raul Monteiro e Waldemar de Vasconcelos, a feitura dos Estatutos da instituição recém-criada, à qual a Academia Matogrossense foi das primeiras a aderir, constituindo seus Delegados na pessoa dos seus prestantes consócios Virgílio Corrêa Filho e João Barbosa de Faria.

NOVA TRANSFORMAÇÃO

Á reforma de 1932, que converteu o “Centro” em “Academia”, deveria seguir-se, em 1940, outra, pautando-lhe os Estatutos pelas normas estabelecidas no Código das Academias, promulgado a 31 de Dezembro de 1939.

Assim é que, em virtude da padronização dos institutos filiados à Federação, a Academia Matogrossense votava a 28 de Agosto de 1940 os seus novos Estatutos, elaborados por uma Comissão composta dos acadêmicos Filogonio Corrêa, Francisco Mendes e Ulisses Cuiabano.

Entre as mais importantes alterações introduzidas na organização da Academia, apontam-se as seguintes:

- I) — Elevação das cadeiras de 24, que eram, a 30;
- II) — Estabelecimento da exigência da nacionalidade brasileira para os patronos;
- III) — Fixação em 50 do numero de membros correspondentes devendo ser escolhidos entre pessoas residentes no Estado;
- IV) — Adopção da grafia oficial;
- V) — Modificação do quadro dos patronos, passando a prevalecer a ordem cronológica em vez da alfabética, antes seguida.

JOSÉ DE MESQUITA

Como solução de emergência, imposta pelas circunstâncias do meio, houve por bem a Academia, mediante aprovação da federação, conservar, no quadro atual dos patronos, aqueles que, de nacionalidade outra, prestaram relevantes serviços à Cultura Brasileira e, no dos correspondentes, os membros residentes no Estado, que seriam aproveitados nas vagas que se dessem no quadro efetivo.

Também por necessidade de ajustar-se às condições locais, manteve-se no art. XI dos Estatutos, não obstante o art. 15 do Código, a disposição anterior que, ressalvado o caso de se tratar de fundador, transfere para a categoria de correspondentes os membros efetivos que mudarem definitivamente a residência para fóra do Estado.

QUADROS ATUAIS

Ante a reorganização por que passou a Academia, sofreram os quadros sociais grandes modificações.

Para as 6 cadeiras criadas foram eleitos patronos os escritores matogrossenses Aquilino do Amaral, A. Tolentino de Almeida, Armindo de Oliveira, Caetano de Albuquerque, José de Mesquita, (senior) e Pedro Trouy, sendo escolhidos para as referidas poltronas: Ovídio de Paula Corrêa, Cesário Neto, Rosário Congro, Severino de Queiroz, Ana Luiza Prado Bastos e Luiz Feitosa Rodrigues, alguns dos quais já figuravam como efetivos ou como correspondentes.

Novas alterações vieram trazer ao quadro social os sentidos passamentos dos acadêmicos fundadores Franklin Cassiano da Silva e João Barbosa de Faria, sendo o primeiro substituído por Ulisses Cuiabano, e vaga ainda se achando a cadeira que era ocupada pelo último.

Seguem-se, na sua atual organização, os quadros dos acadêmicos efetivos e correspondentes:

QUADRO DOS ACADÊMICOS E PATRONOS, DE 1921 A 1941

N. da cadeira	PATRONOS	Datas da vida do Patrono	Ocupantes	Data natalícia do ocupante	Data da eleição	OBSERVAÇÕES
1	José Barbosa de Sá	17.. —1776	1) Manoel Pais de Oliveira 2) Leônidas Antero de Matos 3) Benjamin Duarte Monteiro	1885 1894 1909	1921 1931 1936	Corresp. desde 1931 † a 8-4-1936
2	Ricardo Franco de Almeida Serra	1748—1809	Miguel Carmo de Oliveira Mello		1921	
3	José Manuel de Siqueira (Padre)	1750—1825	D. Francisco de Aquino Corrêa	1885	1921	Presidente de honra
4	José da Silva Guimarães (Cônego)	1780—1844	1) Manoel Xavier Paes Barreto 2) Alcindo de Camargo 3) D. Maria de Arruda Müller	1892 1898	1921 1923 1930	
5	Luís d'Alincourt	1787—1841	Antônio Fernandes de Souza	1879	1921	
6	Prudêncio Giraldes Tavares da Veiga Cabral	1800—1862	Palmiro Pimenta	1891	1921	Vice Presidente
7	Barão de Melgaço	1802—1880	Estevão de Mendonça	1870	1921	
8	Ernesto Camilo Barreto (Padre)	1828—1896	1) Leovigildo Martins de Mello 2) Ovídio de Paula Corrêa 3) Nilo Póvoas	1889 1878 1892	1921 1922 1930	† a 4-8-1922 Corresp. desde 1930
9	Joaquim Mendes Malheiros	1830—	1) Augusto Cavalcanti de Melo 2) Francisco Alexandre Ferreira Mendes	1864 1897	1921 1930	Corresp. desde 1930 2º Secretário
10	Antonio Augusto Ramiro de Carvalho	1833-1891	1) Franklin Cassiano Silva 2) Ulisses Cuiabano	1891 1891	1921 1940	† a 9-6-1940

JOSÉ DE MESQUITA

11	João Severiano da Fonseca	1835-1897	Carlos Gomes Borralho	1878	1921	
12	Francisco Antonio Pimenta Bueno	1836-1888	1) José Magno da S. Pereira 2) Alirio Cesário de Figueiredo	1848 1892	1921 1927	† a 12-5-1927
13	José Vieira Couto de Magalhães		José Barnabé de Mesquita	1892	1921	Presidente desde a fundação
14	José Estevão Corrêa	1840-1917	Filogonio de Paula Corrêa	1886	1921	1º Secretário
15	Visconde de Taunay	1843-1899	João Barbosa de Faria	1878	1921	† a 17-7-1941
16	Aquilino Leite do Amaral Coutinho	1845-1911	Ovídio de Paula Corrêa	1878	1940	
17	Amâncio Pulquerio de França	1846-1881	José Raul Vilá	1899	1921	
18	Joaquim Duarte Murtinho	1848-1911	1) Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa 2) Oscarino Ramos	1878 1891	1921 1923	Corresp. desde 1923
19	José Barnabé de Mesquita (Sênior)	1855-1892	D. Ana Luíza Prado Bastos	1896	1940	
20	Caetano Manoel de Faria e Albuquerque	1857-1925	Severino Ramos de Queiroz		1940	
21	Antônio Corrêa da Costa	1857-1920	Virgílio Alves Corrêa Filho	1887	1921	
22	Manoel Espiridião da Costa Marques	1859-1906	Otávio da Cunha Cavalcanti	1884	1921	
23	José Delfino da Silva	1860-1900	Lamartine Ferreira Mendes	1895	1921	
24	Francisco Catarino Teixeira de Brito	1861-1881	1) D. Ana Luíza P. Bastos 2) Isác Póvoas	1896 1886	1921 1924	Corresp. desde 1924 Tesoureiro
25	José Tomaz de Almeida Serra	1860-1889	1) Ulisses Cuiabano 2) Antônio Cesário de Figueiredo Neto 3) Olegário Moreira de Barros	1891 1902 1890	1921 1925 1930	Corresp. desde 1925 Renunciou em 1930
26	Pedro Trouy	1872-1926	Luiz Feitosa Rodrigues		1940	
27	Antônio Vieira de Almeida	1873-1916	Cesário Corrêa da Silva Prado	1891	1921	
28	Frederico Augusto Prado de Oliveira	1874-1911	1) João Cunha 2) Amarildo Novis	1871 1888	1921 1923	† a 13-6-1933
29	Antônio Tolentino de Almeida	1876-1938	Antônio Cesário de Figueiredo Neto	1902	1940	
30	Armindo Maria de Oliveira (P.)	1882-1918	Rosário Congro		1940	

Quadro dos membros correspondentes

Dentro do Estado

Castro Brasil	Corumbá
João Christião Carstens	Corumbá
Arlindo de Andrade	Campo Grande
Cecílio Rocha	Campo Grande
Jaime de Vasconcelos	Campo Grande
Nicolau Fragelli	Campo Grande
Peri Alves Campos	Campo Grande
Raimundo Maranhão	Lageado

Fora do Estado:

Afonso Costa	Rio
Arnaldo Serra	Rio
Augusto Cavalcanti	Rio
Carlos D. Fernandes	Rio
Carlos Vandoni de Barros	Rio
Diocleciano Marfins de Oliveira	Rio
Domingos Barbosa	Rio
Fabio Lima	Rio
Generoso Ponce Filho	Rio
Haroldo Daltro	Rio
Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa	Rio
José Vitorino de Lima	Rio
Lobivar Matos	Rio
Manoel Pais de Oliveira	Rio
Manoel Xavier Pais Barreto	Rio
Soter Caio de Araújo	Rio
Yrrio Corrêa da Costa	Rio
Cleomenes Campos	São Paulo
Generoso de Siqueira	São Paulo
Iturbides Serra	São Paulo
Laurindo de Brito	São Paulo
Monteiro Lobato	São Paulo
Glicério Povoas	Marília(São Paulo)
Alcindo de Camargo	Baía
Xavier Marques	Baía
Álvaro Maia	Amazonas
Gaspar Guimarães	Amazonas
Henrique Santa Rosa	Pará
Henrique Castriciano	R. G. do Norte
Adalberto Marroquim	Alagoas
Mario Sette	Pernambuco
Elpidio Pimentel	Vitória
Mucio da Paixão	Niterói
Cícero Sampaio	Aracajú
Sebastião Fleuri Curado	Goiás
Ari Martins	Porto Alegre

JOSÉ DE MESQUITA OS PLANOS DA ACADEMIA

Não será inoportuno gisar, em linhas gerais, os planos que pretende pôr em prática a Academia, na execução do seu programa cultural. São eles:

- I) Organizar, nos núcleos mais importantes do Estado, centros literários dotados de bibliotecas e órgãos de publicidade;
- II) Favorecer a publicação de trabalhos de seus membros e iniciar desde que possível as séries — “ESTUDOS ACADEMICOS”;
- III) Manter na sua séde uma “ESTANTE MATOGROSSENSE”, constando de obras de autores ou temas matogrossenses;
- IV) Prosseguir na série de conferências culturais, visando o estudo dos patronos e em geral da Historia de Mato-Grosso;
- V) Promover constante e eficiente intercâmbio com as, congêneres filiadas à federação, e com outras sociedades culturais nacionais ou estrangeiras por meio não só de permuta de publicações como, em sendo possível, de visitas recíprocas, em que se farão conferências e palestras de propaganda;
- VI) Incentivar os estudos de “folk lore” local e bem assim as manifestações de arte regional.

DIREÇÃO DA ACADEMIA

Acha-se assim organizada, no biênio de 40-42, a administração da Academia Matogrossense de Letras:

PRESIDENTE
José de Mesquita

VICE-PRESIDENTE
Palmiro Pimenta

SECRETÁRIOS
1º — Filogonio Corrêa
IIº — Francisco Mendes

TESOUREIRO
Isác Póvoas

COMISSÃO DE REVISTA E BIBLIOGRAFIA
D. Maria Müller
Oscarino Ramos
Amarilio Novis

ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS - NOTÍCIA HISTÓRICA
COMISSÃO DE CONTAS E ORÇAMENTOS

Olegário de Barros
José Raul Vilá
Antonio Fernandes de Souza.

A Academia tem como seu Presidente de Honra o Arcebispo D. Francisco. de Aquino Corrêa, à cuja prestigiosa atuação muito deve desde a sua fundação (10).



O SALÃO NOBRE DA ACADEMIA MATOGROSSENSE

NOTAS

- 1) *V. Corrêa Filho* — Questões de ensino, 31.
- 2) *Mesquita* — Um homem e uma época, in Rev. I. H. de Mato Grosso, XII.
- 3) *E. Mendonça* - Datas Matogrossenses, 11, 325.
- 4) *A Tribuna*, de Cuiabá, de 31 - 12 - 85.
- 5) *Estatutos* da A. L. C., art. 1º.
- 6) *Mesquita* — Epítome da Historia Literária de Mato Grosso, na Rev. Da A. M. L., I.
- 7) *Idem*, *ibid.*
- 8) Além desses seriam para mencionados outros, já extintos, v. g. o Clube

JOSÉ DE MESQUITA

Minerva, o Amor à Arte, os Grêmios *Castro Alves*, *José de Mesquita*, etc.

9) Alguns desses não são membros da Academia, mas força é convir que ao influxo exercido por ela se deve o surto atual das letras matogrossenses.

10) Para o histórico da A. M. L. se registram ainda estas datas — *Reconhecimento da utilidade pública*: lei 1079 de 1930; *Doação da Casa Barão de Melgaço* : docs. 718, de 14-1-1926 e 1º, de 23 - 11 - 30. Escritura de 15 - 4 - 31 (2º cartório, de João Pereira Leite); *Registro da Academia*: Protocolo 1784, nº 60, de 27 - 9 - 40 (1º cartório, de Carlos Ferreira da Silva).